

AS RESSONÂNCIAS DE APARECIDA

* Professora de Bioética
no curso de Teologia do
CES-JF.

Maria Inês de Castro Millen*

Resumo:

Millen, em sua reflexão sobre o Documento de Aparecida, parte de dois momentos: a expectativa ansiosa pela Conferência e o evento que foi a sua realização. Ainda que alguns temas tenham sido apresentados de forma limitada, outros, para a autora, são agora centrais: o Reino, o Discipulado, a imagem da Igreja como comunidade (nossa casa), os lugares de encontro do Jesus dando um especial relevo à espiritualidade popular. A fisionomia do ser humano ganha rosto e nome propondo-se assim uma nova pastoral; nomes novos dos rostos são acrescentados: migrantes, população de rua, prisioneiros, etc. A temática da vida, em suas diversas modalidades, parece ser o fio condutor do Documento, juntamente com a Eucaristia. A temática da família e da defesa da vida aparecem de forma limitada. A autora chama a atenção para temas descartados: gênero e libertação, por exemplo.

Palavras-chave:

Documento de Aparecida; V Celam: análise crítica

Abstract:

Millen in her analysis on Aparecida Document starts from two moments: the anxious expectation for the Latin-American Bishops Conference and her somewhat surprisingly realization. The Conference deals with some meaningful subjects sometimes lightly but some other quite central in the Christian life had deep attention: Kingdom of God, Discipleship, Church image as community (our home), the theological places of encounter with Jesus, with special distinction to popular spirituality. Some

human beings receive in this Document new a face and a name and this is a kind of a way to a other form of pastoral activities. New faces and names are now migrants, prisoners, street people and so on. Life in its plural ways is a kind of Ariadne's thread throughout the Document, along with Eucharist. Family and life protection are presented narrowly. And even some words are dropped out: liberation and genre are examples of this.

Key-words:

Aparecida Document; Fifth LACBC: critical analysis.

A Igreja do Brasil e da América Latina vive agora o tempo do acolhimento de Aparecida. Depois de muitas reuniões e seminários preparatórios, reflexões, expectativas e ansiedades, Aparecida aconteceu. Para quase todos que viveram mais de perto, na angústia, mas também na esperança, os momentos de preparação a este evento especial, é chegada a hora de refletir sobre os frutos que já podem ser colhidos e os que ainda amadurecerão.

Hoje podemos afirmar com alegria, o que antes era esperança desejosa: a V Conferência foi um momento de graça especial, pois, como previsto, lá estavam, garantindo tudo, o Espírito Santo, a Mãe Aparecida e o Povo de Deus. O povo que se fez presente através dos romeiros, vindos de toda parte; era o povo pobre, necessitado, aflito, mas também alegre, esperançoso, capaz de orar, de cantar e de celebrar a vida, ainda que sofrida. Um povo que, diariamente, aos pés da Senhora Aparecida renovava sua fé e sua esperança, apesar de tudo. Um povo que, mesmo sem saber ou compreender o que estava acontecendo no recinto da Conferência, se tornou, no dizer dos próprios bispos lá presentes, protagonista silencioso e decisivo nos rumos deste evento eclesial.¹ Importante ressaltar também a participação do Povo de Deus presente na pessoa dos teólogos, cientistas sociais e outros que contribuíram no momento específico do Seminário promovido pelo CNL, e dos assessores do grupo Ameríndia que se dispuseram a colaborar com seus aportes durante todos os dias da Conferência. Ainda podemos destacar a presença constante da imprensa, a montagem da Tenda dos Mártires, como lugar de oração, reflexão e partilha a partir da memória de tantos que marcaram a história deste continente, e a romaria das CEBs e das pastorais, como elementos fundamentais para o desfecho final do evento Aparecida.

No contexto da preparação para a V Conferência, analisando o Documento de Participação e o Seminário de Mulheres realizado em Bogotá, foi possível constatar, na ocasião, que alguns temas haviam sido esquecidos ou relegados.² Retomo agora,

¹ Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo, CNBB/ Paulus/Paulinas, 2007 (Daqui em diante, DA). DA, n. 3. *Sentimo-nos acompanhados pela oração de nosso povo católico, representado visivelmente pela companhia do Pastor e dos fiéis da Igreja de Deus em Aparecida, e pela multidão de peregrinos de todo o Brasil e de outros países da América ao Santuário, que nos edificaram e nos evangelizaram.*

² Cf. M. I. C. MILLEN, Preparando o V CELAM: Temas esquecidos. Em REVISTA ESPAÇOS, 15, (2007), pp. 69-72.

dizendo, sem medo de errar, que Aparecida superou as melhores expectativas de praticamente todos aqueles que participaram de sua preparação, recuperando aquelas intuições que, num primeiro momento, pareciam perdidas. O que se pode perceber, hoje, analisando todo o evento, é que os temas fundamentais retornaram, tendo sido colocados no seu devido lugar, com os realces e os destaques necessários, muito embora alguns outros, também importantes, tenham sido apenas timidamente mencionados e outros, ainda, tenham permanecido nas suas abordagens pouco felizes. No entanto, Aparecida representa um ganho enorme e renova as forças e as esperanças da Igreja que está na América Latina e no Caribe.

Isto porque Jesus, o Evangelho e o Reino de Deus estão agora situados no centro de todo o texto de Aparecida e lhe conferem o tom, sendo a medula mesma do texto, o eixo sobre o qual tudo gira. Basta ver no índice analítico quantas vezes estas palavras aparecem. O capítulo IV, que aponta para *a vocação dos discípulos missionários à santidade*, particularmente, nos situa neste horizonte, sobretudo quando nos convoca a sermos parecidos com o Mestre.³ Uma dificuldade, no entanto, ainda se faz presente: Jesus é considerado, na maioria das vezes a partir de sua divindade, sendo sua humanidade, sua história, sua vida e os conflitos que por ela perpassaram minimizados. Esta escolha de abordagem cristológica é limitadora e deixa entrever suas conseqüências nas propostas pastorais.

A Igreja, que antes aparecia sempre de forma central e triunfalista, agora está posta, positivamente, como *comunidade discípula de Cristo*,⁴ como *comunidade de amor* que deve crescer não por proselitismo, mas por atração,⁵ como *casa e escola de comunhão, de participação e de solidariedade*,⁶ como aquela que tem a *tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus*,⁷ como *morada de povos irmãos e casa dos pobres*,⁸ como aquela que está convocada a ser *advogada da justiça e defensora dos pobres*.⁹ É interessante, porém, notar que a palavra Igreja não aparece no índice analítico do documento, embora apareça inúmeras vezes no texto e ganhe nas palavras do Papa Bento XVI este realce: *A Igreja é nossa casa. Na Igreja Católica temos tudo o que é bom, tudo o que é motivo de segurança e consolo*.¹⁰ Podemos constatar ainda que muitas palavras que a ela nos remetem estão contempladas no índice, tais como: eclesial, comunidade, comunidade cristã, comunidade eclesial, povo de Deus, sacramentos, pastoral, paróquia, presbitério, mas Igreja como instituição não. Poderíamos perguntar pela razão desta ausência.

Chama muita atenção, também, no capítulo VI, a nomeação dos lugares de encontro com Jesus, aparecendo aqui um

³ Cf. DA, n. 136 ss.

⁴ Idem, n. 138. Característica da Igreja: *Comunidade discípula de Cristo, cujo testemunho de caridade fraterna será o primeiro e principal anúncio*: todos reconhecerão que sois meus discípulos (Jo 13,35).

⁵ Cf. DA, 159. *A Igreja atrai quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos se amarem uns aos outros como Ele nos amou* (cf. Rm 12,4-13; Jo 13,34). E ainda DA, n. 161: *A Igreja é comunhão no amor. Esta é sua essência e o sinal através do qual é chamada a ser reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade. O novo mandamento é o que une os discípulos entre si, reconhecendo-se como irmãos e irmãs. Obedientes ao mesmo Mestre, membros unidos à mesma Cabeça e, por isso, chamados a cuidarem uns dos outros.* (1Cor 13; Cl 3,12-14).

⁶ DA, n. 167

⁷ DA, n. 7.

⁸ DA, n. 8

⁹ DA, n. 359

¹⁰ Bento XVI. Discurso no final do santo Rosário no Santuário de Aparecida em 12 de maio de 2007, transcrito no DA no n. 246.

marcado eclesiocentrismo, pois os lugares estão postos nesta ordem: na fé recebida e vivida na Igreja;¹¹ na Sagrada Escritura, lida na Igreja;¹² na Sagrada Liturgia (Eucaristia, como lugar privilegiado, e Sacramento da Reconciliação);¹³ na oração pessoal e comunitária.¹⁴ Em seguida o texto diz assim: *Também, o encontramos, de modo especial, nos pobres, aflitos e enfermos... e*, surpreendentemente, nos aponta a piedade popular como lugar deste encontro.¹⁵ Aqui, é preciso valorizar o reconhecimento que o documento faz da espiritualidade popular, não mais considerada como modo secundário de vida cristã. É interessante notar que a centralidade aqui está posta no primado da ação do Espírito e na iniciativa gratuita do amor de Deus.¹⁶

Ainda no que se refere à Igreja, podemos perceber alguma dificuldade em analisar com sinceridade e clareza nossas sombras. As deficiências e ambigüidades são colocadas, inicialmente, em *alguns membros da Igreja*,¹⁷ como que livrando a todos nós outros das responsabilidades pelo fraco testemunho que temos dado ao longo destes dois mil anos de cristianismo, favorecendo, inclusive, o afastamento de algumas pessoas. No entanto, no final do parágrafo o texto se apresenta mais humilde: *Reconhecemo-nos como comunidade de pobres pecadores, mendicantes da misericórdia de Deus...*¹⁸ Podemos perceber, ainda, que as realizações positivas da Igreja foram ressaltadas, embora com um pouco de otimismo a mais, penso eu, e as sombras aparecem realmente. Algumas sombras foram, inclusive, surpreendentemente reconhecidas, como por exemplo: *algumas tentativas de voltar a um certo tipo de eclesiologia e espiritualidade contrárias à renovação do Concílio Vaticano II*;¹⁹ *as linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens*;²⁰ *o número insuficiente de sacerdotes e sua não eqüitativa distribuição impossibilitando que muitíssimas comunidades possam participar regularmente da eucaristia*.²¹ O que não se conseguiu ainda foi uma correta disposição para se ir com coragem às causas destas e de outras dificuldades. Sem a detecção das causas, não é possível a eliminação dos males. Assim sendo, olhando por esta perspectiva, o documento ainda é devedor de uma análise um pouco mais profunda.

Quanto à categoria *sinais dos tempos*, sumida anteriormente, reaparece logo de início, no capítulo que se destina à análise da realidade: *Sentimo-nos desafiados a discernir os sinais dos tempos, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus...*²² e no capítulo que trabalha a missão dos discípulos: *Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernimento o que o Espírito*

¹¹ Ibidem.

¹² DA, n. 247.

¹³ DA, nn. 250-254.

¹⁴ DA, nn. 255, 256.

¹⁵ DA, n. 258ss.

¹⁶ DA, n. 263.

¹⁷ DA, 98.

¹⁸ DA, n. 100 h.

¹⁹ DA, n. 100 b.

²⁰ DA, n. 100 d.

²¹ DA, n. 100 e.

²² DA, n. 33.

²³ DA, n. 366.

está dizendo às Igrejas (*Ap 2,29*) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta.²³

²⁴ DA, 65.

Quanto ao ser humano, no texto ele se concretiza, pois aparece claramente situado, denominado e reconhecido. Ganha rosto, nome, cor, gênero, etnia, classe social, história. O rosto dos que sofrem está muito presente e a novidade está na constatação de que há uma grande parcela da população que se encontra socialmente excluída, cujos indivíduos *não só são explorados, mas também considerados* supérfluos, descartáveis.²⁴

²⁵ DA, n. 402.

O texto, ao apontar uma nova pastoral para a promoção humana integral pede que fixemos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos e aí os nomeia outra vez.²⁵ Mais à frente diz que os rostos sofredores doem em nós e explicita algumas categorias vulneráveis que requerem maior atenção: população de rua, migrantes, enfermos, dependentes de drogas, prisioneiros.²⁶ Os indígenas (citados em 23 parágrafos), os afro descendentes (em 16) e as mulheres (em 59), ganham destaque como novos atores sociais.²⁷

²⁶ DA, n. 407ss.

²⁷ DA, 75.

O Vaticano II e as Conferências Episcopais anteriores aparecem como deveriam, considerados na sua importância histórica, como precursores deste evento.²⁸

²⁸ DA, n. 9: *A V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho é novo passo da Igreja, especialmente a partir do Concílio Vaticano II. Ela dá continuidade e, ao mesmo tempo, recapitula o caminho de fidelidade, renovação e evangelização da Igreja latino-americana ao serviço de seus povos, que se expressou oportunamente nas Conferências Gerais anteriores do Episcopado (Rio, 1955; Medellín, 1968; Puebla 1979; Santo Domingo, 1992) Em todas elas reconhecemos a ação do Espírito Santo. Veja-se também DA, nn. 16, 345 e 523.*

A questão da vida aparece agora de forma ampliada, como fio que perpassa todo o texto, como núcleo central de todo o ministério de Jesus: *Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância.* (Jo 10,10). O item 3.2 que trata da *Boa Nova da Vida* é uma boa referência para o que o texto pretende com relação à garantia da vida para todos.

²⁹ DA, n. 112.

*Diante da exclusão, Jesus defende os direitos dos fracos e a vida digna de todo ser humano. De seu Mestre, o discípulo tem aprendido a lutar contra toda forma de desprezo da vida e de exploração da pessoa humana. Só o Senhor é autor e dono da vida. O ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrada desde a sua concepção até a sua morte natural, em todas as circunstâncias e condições de sua vida. Eu vim para dar a vida aos homens e para que a tenham em plenitude (Jo 10,10). Por isso, cura os enfermos, expulsa os demônios e compromete os discípulos na promoção da dignidade humana e de relacionamentos sociais fundados na justiça.*²⁹ *Diante da natureza ameaçada, Jesus, que conhecia o cuidado do Pai pelas criaturas que Ele alimenta e embeleza (cf. Lc 12,28), convoca-nos a cuidar da terra para que ela ofereça abrigo e sustento a todos os homens (cf. Gn 1,29; 2,15).*³⁰

³⁰ DA, n. 113.

No entanto, o texto não conseguiu se libertar totalmente de alguns dualismos e da **valorização de algumas vidas em detrimento de outras**. Um primeiro exemplo: o parágrafo 472 começa assim: *A Igreja agradece a todos os que se ocupam com*

a defesa da vida e do ambiente. Esta colocação pode sugerir que defesa da vida e defesa do ambiente são duas realidades passíveis de serem consideradas separadamente. Isto não é verdade. A vida como um todo, a vida de cada um e de todas as pessoas, estará sempre umbilicalmente ligada à garantia de uma terra habitável, de um ambiente saudável, em todas as suas dimensões. Portanto, a questão ambiental, ligada a tantas outras questões — econômica, social, cultural, política, étnica — não é secundária e nem pode ser menos trabalhada do que a questão da vida das pessoas individuais.

Mas, é motivo de esperança e de alegria perceber que a ecologia e a biodiversidade ganham destaque, merecendo seis parágrafos no texto. A situação da Amazônia, cada vez mais ameaçada pela devastação ambiental, pela agressão à população local, pela negociação espúria dos seus recursos naturais, pelas tentativas de sua internacionalização, está colocada como um desafio a ser enfrentado por todos.³¹

³¹ DA, nn. 83-87.

Ainda é preciso reconhecer a limitação do texto no capítulo referente à família, pessoas e vida. Depois do importantíssimo capítulo VIII, que trata do Reino de Deus e da promoção da dignidade humana com maestria, o documento retoma, no capítulo seguinte, a questão da vida com um tom que nos coloca em sintonia com discursos anteriores e que peca por alguns infelizes reducionismos. Aliás, o capítulo IX aparece como que deslocado do *espírito* de Aparecida. O texto, logo de início identifica a família como só aquela que está fundada no sacramento do matrimônio, excluindo desta realidade a maioria das famílias latino-americanas que têm outra configuração.³²

³² DA, n. 433.

A responsabilidade pela defesa e dignidade da vida é colocada nas mãos dos legisladores, governantes e profissionais da saúde, e isto porque as maiores ameaças à vida, aqui consideradas, continuam sendo o aborto e a eutanásia. Tantas outras ameaças, muitas vezes causadoras de mais vítimas, aparecem apenas citadas como *outros graves delitos*, que não são nomeados, nem considerados.³³ Este reducionismo limitador não condiz com o documento no seu conjunto.

³³ DA, n. 436.

Aqui ainda podemos considerar uma outra questão que me parece extremamente complexa e que traz não poucas dificuldades para a vida cristã, para a evangelização e para a pastoral da Igreja. O documento de Aparecida, no seu conjunto, trata a Eucaristia como o *pão de vida eterna* [...], *alimento substancial dos discípulos e missionários*,³⁴ como *princípio e projeto da missão do cristão*,³⁵ como *a fonte e o ponto mais alto da vida cristã, sua expressão mais perfeita e o alimento da vida em comunhão*,³⁶ como *sinal da unidade com todos, que prolonga e faz presente o mistério do Filho de Deus*,³⁷ como *lugar privilegiado do encontro*

³⁴ DA, n. 25.

³⁵ DA, n. 153.

³⁶ DA, n. 158

³⁷ DA, n. 176.

³⁸ DA, n. 251.

³⁹ DA, n. 305.

⁴⁰ DA, n. 354.

⁴¹ DA, n. 363.

⁴² DA, nn. 175, 177: [...] *a prática do Sacramento da Reconciliação para comungar dignamente*” e “[...] *Vivemos numa cultura [...] que nos leva a esquecer a necessidade do Sacramento da Reconciliação para nos aproximarmos dignamente a fim de recebermos a Eucaristia.*

⁴³ DA, n. 436.

⁴⁴ DA, n. 437 j. Interessante notar que estes dois parágrafos (436 e 437) não aparecem relacionados à palavra Eucaristia no *Índice Analítico do Documento.*

*do discípulo com Jesus,*³⁸ como momento privilegiado do encontro das comunidades com o Senhor ressuscitado,³⁹ como centro vital do universo, capaz de saciar a fome de vida e de felicidade,⁴⁰ como fonte e cume de toda atividade missionária.⁴¹ Sua indicação é destacada como algo que deve ser buscado sempre, em razão de sua essencialidade para uma vida verdadeiramente cristã. Quanto à dignidade de quem a recebe, somente duas vezes é mencionada, assim mesmo no contexto da valorização do Sacramento da Reconciliação.⁴² Interessante notar que no capítulo referente à família, a Eucaristia aparece duas vezes como não possibilidade. A questão da *coerência eucarística*, que não havia aparecido antes, em nenhuma situação, é requisitada aqui para dizer que *não podem receber a sagrada comunhão aqueles que agem por atos ou palavras contra os mandamentos, em particular quando se propicia o aborto, a eutanásia e outros graves delitos contra a vida e a família.*⁴³ Mais adiante, retoma o tema reiterando que *aos divorciados e novamente casados não lhes é permitido comungar.*⁴⁴

A questão que se pode colocar, com razões suficientes, é por que só aqui a exclusão da comunhão aparece desta forma; por que só aqui se recorre à *coerência eucarística*? São somente estes os graves pecados do mundo? Este modo de dizer, fechando definitivamente portas, sem ir às causas dos sofrimentos e das fragilidades humanas, com a misericórdia e o amor necessários, não condiz com o *espírito* que se conseguiu conquistar na V Conferência, que aponta na direção de Jesus a serviço da vida:

*Jesus, o Bom Pastor, quer comunicar-nos a sua vida e colocar-nos a serviço da vida. Vemos como ele se aproxima do cego no caminho (cf. Mc 10,46-52), quando dignifica a samaritana (cf. Jo 4,7-26), quando cura os enfermos (cf. Mt 11,2-6), quando alimenta o povo faminto (cf. Mc 6,30-44), quando liberta os endemoninhados (cf. Mc 5,1-20). Em seu reino de vida, Jesus inclui a todos: come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2,16), sem se importar que o tratem como comilão e bêbado (cf. Mt 11,19); toca com as mãos os leprosos (cf. Lc 5, 13), deixa que uma prostituta lhe unja os pés (cf. Lc 7,36-50) e, de noite, recebe Nicodemos para convidá-lo a nascer de novo (cf. Jo 3,1-15). Igualmente, convida seus discípulos à reconciliação (cf. Mt 5,24), ao amor pelos inimigos (cf. Mt 5,44) e a optarem pelos mais pobres (cf. Lc 14,15-24).*⁴⁵

⁴⁵ DA, n. 353.

Duas questões ainda merecem ser lembradas: aquela que aponta para as **expressões antes mal vistas, consideradas** perigosas, e a que aponta para a pouca disposição para o diálogo em vários níveis.

Quanto às expressões, antes consideradas perigosas, pouca coisa mudou. A palavra gênero foi definitivamente nocauteada, pois considerada de forma simplista, como ideologia que fere a dignidade do matrimônio e da família.⁴⁶ A não consideração da riqueza desta expressão e das várias possibilidades hermenêuticas de seu uso fez com que ela fosse descartada sem-mais. A Teologia da Libertação não apareceu, como se ela nunca tivesse sido uma realidade a ser considerada na perspectiva da evangelização do Continente. O tema mesmo da libertação aparece poucas vezes (seis, conforme o Índice Analítico) e, assim mesmo, sempre adjetivada: *autêntica libertação cristã*,⁴⁷ *libertação integral*.⁴⁸ Somente em um lugar se fala, sem medo, do desenvolvimento e da libertação dos povos a serem promovidos pelos discípulos missionários de Jesus.⁴⁹

⁴⁶ DA, n. 40.

⁴⁷ DA, nn. 26, 146 e 399.

⁴⁸ DA, nn. 359 e 385.

⁴⁹ DA, n. 491.

Podemos perceber ainda que uma outra palavra, talvez por razões diferentes, também não obteve cidadania no Documento: o *neoliberalismo*, que representa o único sistema econômico da atualidade, reconhecido em muitas outras ocasiões, pela própria Igreja, como gerador de injustiças, de exclusão e de morte.⁵⁰ A não nomeação do neoliberalismo e o apontamento da globalização como única causa de todo o desgaste civilizacional que estamos vivendo nos parece também ideológica.

⁵⁰ No DA n. 473 podemos ler: *Em todo este processo, tem enorme responsabilidade o atual modelo econômico, que privilegia o desmedido afã pela riqueza, acima da vida das pessoas e dos povos e do respeito racional pela natureza. O atual modelo econômico parece não ter nome.*

Por último, temos a decisiva questão do diálogo ecumênico, inter-religioso, cultural, com as ciências, com os formadores de opinião e com o mundo secularizado. O que se pode perceber é que a V Conferência deu passos importantes na direção de uma necessária abertura para o diálogo sincero com todas as instâncias significativas da sociedade atual.⁵¹ Isto não significa que tudo esteja resolvido, mesmo porque a intenção do documento não é dar todas as respostas. Há ainda muito por fazer, mas temos agora, objetivamente, um itinerário, um caminho a ser trilhado. O que sabemos é que somos chamados a um discipulado missionário, que nos coloca diante de Jesus como Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida, como Aquele que nos convida a restabelecer, com Ele, por Ele e a partir d'Ele, o reinado do amor, que supõe despojamentos, perdão ilimitado, misericórdia e compaixão para com todos. Que o Espírito Santo, Paráclito e a Senhora Aparecida, nos ajudem nesta tarefa, transformando-nos em fiéis testemunhas de uma fé comprometida com este ousado projeto.

⁵¹ DA, n. 13. [...] *Isso requer, a partir de nossa identidade católica, uma evangelização muito mais missionária, em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens.*